

# NEUSA GUSMÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE ANTROPOLOGIA NO BRASIL



NEUSA GUSMÃO AND HER CONTRIBUTION TO THE  
TEACHING OF ANTHROPOLOGY IN BRAZIL

Amurabi Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de Sociologia | Florianópolis, Brasil

amurabi\_cs@hotmail.com | ORCID iD: 0000-0002-7856-1196

## Resumo

O debate sobre ensino de antropologia está presente desde a fundação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), e tem trazido contribuições relevantes para as Ciências Sociais. Considerando tais aspectos, a comissão de Educação, Ciência e Tecnologia da ABA propôs o prêmio Excelência no Ensino de Antropologia no Brasil, concedido à professora Neusa Gusmão em 2020. Neste artigo realizamos uma breve análise sobre a trajetória acadêmica desta antropóloga, destacando sua contribuição ao ensino de Antropologia no Brasil.

## Palavras-chave

Ensino de Antropologia; Antropologia da Educação; UNICAMP; Associação Brasileira de Antropologia.

## Abstract

The debate on teaching of anthropology has been present since the foundation of the Brazilian Association of Anthropology (ABA), and has brought relevant contributions to the Social Sciences. Considering such aspects, the ABA Education, Science and Technology Committee proposed the Excellence in Teaching Anthropology in Brazil Award, granted to professor Neusa Gusmão in 2020. In this article we carry out a brief analysis of the academic trajectory of this anthropologist, highlighting her contribution to the teaching of Anthropology in Brazil.

## Keywords

Teaching of Anthropology; Anthropology of Education; UNICAMP; Brazilian Association of Anthropology.



## Introdução

O debate sobre ensino de antropologia está presente desde os primórdios do campo da antropologia brasileira, intensificando-se com a formação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) na década de 1950 (Grossi 2006; Oliveira 2017). O processo de expansão dos cursos de graduação e pós-graduação em ciências sociais, e em período mais recente também de antropologia, tem intensificado essa discussão, contando com uma participação cada vez mais ativa de antropólogos e antropólogas especialmente engajados com essa questão (Oliveira 2021). Todavia, é necessário reconhecer que ainda são poucos os antropólogos no Brasil que têm transformado o ensino em seu principal objeto de pesquisa e reflexão crítica, seja no âmbito da formação de antropólogos, ou ainda na formação de outros profissionais.

A reflexão sobre o ensino de antropologia encontra um *locus* específico no campo que tem sido elaborado na interface entre a antropologia e a educação no Brasil, campo este que tem uma longa trajetória, porém ainda se encontra em processo de consolidação. Como bem nos aponta Gusmão (1997), apesar das diferenças, há inúmeros pontos em comum entre a prática de antropólogos e educadores, o que nos possibilita superar a falsa dicotomia entre teoria e prática.

Em meio a esse contexto, destacamos nessa seara o trabalho da antropóloga Neusa Maria de Mendes Gusmão, professora titular aposentada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição na qual atuou nos programas de pós-graduação em Educação e em Ciências Sociais, tendo sido recentemente agraciada com o prêmio de Excelência no Ensino de Antropologia no Brasil concedido pela comissão de Educação, Ciência e Tecnologia da ABA em 2020<sup>1</sup>. A trajetória de Neusa Gusmão é marcada pelos esforços na direção de superar essa falsa dicotomia entre a teoria e a prática no âmbito do ensino de Antropologia, priorizando uma atuação profundamente interdisciplinar estabelecida na interface entre a Antropologia e a Educação.

---

<sup>1</sup> Apesar desse prêmio ter sido concedido pela primeira vez em 2020 pela ABA, é importante destacar que a associação, em 2006, concedeu o prêmio ABA-Ford para Inovação no Ensino de Antropologia, que foi concedido à professora Christina Rubim.

Neste breve artigo buscaremos destacar sua atuação na Antropologia e sua contribuição específica para o ensino dessa ciência, compreendendo a docência como espaço privilegiado de rotinização do conhecimento antropológico. Notadamente, tomar sua biografia como fio condutor nos possibilita também realizar uma reflexão mais ampla sobre a própria relação entre Antropologia e Educação no Brasil, e sobre o lugar do debate sobre ensino na Antropologia brasileira.

### **Uma trajetória não linear...**

A professora Neusa Gusmão, ou Neusinha como é mais conhecida entre seus estudantes, realizou sua formação inicial nas ciências sociais ainda na década de 1970, em um momento em que o Brasil passava pelos chamados “anos de chumbo”. Em entrevista concedida em 2013, ela relata seu ingresso nas ciências sociais e sua escolha pela Antropologia:

Na segunda metade de 1968, transferi-me do interior para São Paulo, visando completar a formação de ensino médio e garantir meu acesso à universidade, em específico, ao curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Um desejo - ser socióloga e estudar na PUC- SP - e isto eu consegui no vestibular de 1970, quando fui aprovada no curso de Ciências Sociais da PUC, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento - Campus Monte Alegre. As aulas não se resumiam aos temas e autores, muitos dos quais proibidos pela censura. Líamos Marx, Josué de Castro, Celso Furtado, Mao Tsé-Tung (sob pseudônimo), obras cepalinas e também artigos do recém-criado CEBRAP, com Chico de Oliveira, Fernando Henrique Cardoso e outros. A preocupação com a teoria passava pela conjuntura social e política, de modo que cada disciplina tornava-se multidisciplinar. Aqui começo a descobrir a Antropologia. Dois professores se farão presentes desde o início ao final do curso: Carmen Junqueira e Edgar Assis Carvalho, que anos depois virá a ser meu orientador de mestrado. A pedra de toque desses professores: a questão indígena que, nos anos de 1970, explode e expõe de modo cru o autoritarismo e a violência do Estado. Em sala de aula, infiltrados, agentes do SNI - Serviço Nacional de Investigação - ligado à Segurança Nacional. Professores e alunos constantemente vigiados. Apesar de todas as sombras, estava convicta: a PUC, o curso, a experiência que estava vivendo era tudo o que queria, quase uma compulsão. Uma bolsa de estudos a partir do segundo ano da graduação, em 1971, permitiu a dedicação integral à faculdade, exercendo monitorias diversas (Antropologia,

Sociologia, Ciências Políticas), até me definir, já no terceiro ano de Ciências Sociais, pela Antropologia como meu lugar teórico, meu lugar próprio, que viera de longe buscar. Em 1973, formada, com bacharelado e licenciatura plena, voltei a percorrer o mundo do trabalho, primeiro como socióloga coordenando pesquisa em áreas precárias em São Bernardo do Campo, até que, em 1975, ingressei como professora de Antropologia, no chamado Ciclo Básico, da PUC-SP. Desde então, docência, pesquisa e extensão fazem de mim uma antropóloga que estuda diferentes universos, mas que tem por centro a Antropologia.

Sendo assim, Neusa Gusmão integrou parte de uma geração que começou a lecionar Antropologia no Brasil após a Reforma Universitária de 1968, o que demarca, segundo Cardoso de Oliveira (2003), o início do período burocrático da Antropologia brasileira. Seu ingresso em 1974 no mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP) também a insere entre as pioneiras que realizaram sua formação pós-graduada em Antropologia no Brasil<sup>2</sup>, voltando-se para o mundo das populações camponesas, caiçaras, tendo defendido seu mestrado em 1977 intitulado “Campinho da Independência - um caso de proletarização caiçara”, trabalho orientado por Edgard Assis de Carvalho.

É, portanto, na PUC-SP que Neusa Gusmão iniciou sua carreira como professora e como pesquisadora, tendo lecionado as disciplinas de “Antropologia Cultural” e “Teoria Antropológica”, “Antropologia Sócio-Cultural”, “Antropologia das Sociedades Complexas”, “Antropologia e Realidade Brasileira”. Ainda na PUC-SP, na condição de aluna especial o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, ela iniciou seus estudos de doutorado, ingressando em 1982 no doutorado de Antropologia da Universidade de São Paulo, sob a supervisão do professor Kabengele Munanga, voltando-se então para o estudo das populações afro-brasileiras. Sua tese, intitulada “A Dimensão Política da Cultura Negra no Campo: uma luta, muitas lutas”<sup>3</sup> foi defendida em 1990, quando ela já era docente da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), campus de Marília, sendo posteriormente transferida para o Departamento de Antropologia da UNESP – Araraquara, onde também atuou no Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

---

<sup>2</sup>Referimo-nos aqui àqueles e àqueles que realizaram seus estudos após o estabelecimento do sistema nacional de pós-graduação.

<sup>3</sup>Um resumo de sua tese pode ser encontrado em Gusmão (1993).

Na UNESP lecionou em nível de graduação e pós-graduação disciplinas como “Introdução à Antropologia”, “Teoria Antropológica”, “Antropologia Brasileira”, “Antropologia e Cotidiano”, “Antropologia e Reinterpretação Cultural”, “Etnicidade e Gênero”, “Negritude e Cidadania”.

Foi a partir de seu trabalho de campo envolvendo o mundo rural e as comunidades negras que Neusa Gusmão chegou a seus estudos sobre educação. Ainda segundo seu relato:

Em 1995 minha produção acadêmica e científica manteve o interesse no mundo rural e negro, mas nesse ano transitei de um departamento de Antropologia para um departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação - o DECISAE - hoje, Departamento de Ciências Sociais na Educação - DECISE - junto a UNICAMP. Por acaso? Não. O interessante é que foi a pesquisa no mundo rural que conduziu meu olhar para a educação e a escola em meio a uma comunidade negra, hoje também, quilombola: Campinho da Independência, no sul do Rio de Janeiro. Universo de meu mestrado e de meu doutorado, a experiência de duas décadas (70/80) com os negros de Campinho, em meio aos anos de 1990, levou-me a estreitar laços com a Faculdade de Educação da UNICAMP através de seminários e de publicações ligadas ao tema. Anos depois, em 1995, esta instituição me acolheria como antropóloga para criar e fortalecer uma área então deficiente na formação de professores: a Antropologia da Educação. Transitei de departamento e de instituição, mas não de área de conhecimento. Desde então, trabalho como antropóloga e com a Antropologia na educação. (Oliveira 2013: 150).

Foi principalmente neste departamento que Neusa Gusmão consolidou sua atuação como professora da Antropologia, atuando fortemente na rotinização dessa ciência na Faculdade de Educação, colaborando diretamente para o campo da formação de professores. Seu trabalho tornou-se uma referência obrigatória para a compreensão da interface entre a Antropologia e a Educação no Brasil, o que se deu por meio de sua docência e de sua agenda de pesquisa. É válido, ainda, mencionar que além de atuar nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, Neusa Gusmão foi também professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na área de Antropologia desta mesma instituição. A prioridade do ensino em sua atuação profissional se reflete também na denominação da disciplina que ela lecionou por muitos anos no Programa de Pós-

Graduação em Educação da UNICAMP: “Antropologia da Educação: interfaces do ensino e da pesquisa”.

No DECISE, Neusa Gusmão teve uma atuação decisiva na consolidação da Antropologia como uma área de conhecimento na Faculdade de Educação, garantindo o espaço dessa disciplina no âmbito da formação de professores, que apesar de ser ofertada para o curso de pedagogia, contava regularmente com estudantes de outras licenciaturas.

Neusa Gusmão (2006), ao refletir sobre sua própria atuação como antropóloga na Faculdade de Educação, atuando na formação de professores, aponta para alguns dos desafios postos num contexto no qual não se pretendia formar antropólogos, mas sim educadores habilitados a tratar com a diversidade humana dentro de uma concepção de sociedade plural e democrática.

A intenção é a de fazer com que o aluno compreenda de forma contextualizada as relações entre Antropologia e Educação, apreendendo o aparato conceitual básico da Antropologia. É, ainda, permitir o destaque e o entendimento do conceito de cultura em diferentes períodos e teorias, bem como a sua operacionalização em termos de uma ciência aplicada do passado e do presente. As respostas têm sido aquelas esperadas, o que revela o acerto da escolha feita e, por si só, justifica a disciplina e o caminho que tem percorrido. Desse trajeto, depreendem-se o papel e o valor da Antropologia na Educação, e alguns resultados sensíveis, ainda que limitados, revelam por parte dos alunos uma distinção ainda parcial no uso conceitual e prático proposto pelos Estudos Culturais e pela Antropologia, nomeadamente para as noções de diversidade sociocultural e cultura. A cada ano, esta mesma proposta tem sido a base dos programas ministrados, sofrendo pequenas modificações e ajustes, com inclusão de uma ou outra bibliografia, por vezes mais recente, mas sempre com a intenção de ampliar ou obter maior empatia com a questão central: as relações entre Antropologia e Educação, a partir da própria Antropologia e da produção antropológica. O caminho tem-se revelado rico e fecundo. Compreender o campo científico voltado para os debates e propostas de intervenção gestadas nos diferentes momentos históricos entre o final do século XIX e o início do século XXI permite mapear os desafios da pesquisa educacional na atualidade, e demonstrar a maneira como os mesmos debates se fizeram presentes em épocas anteriores, apesar das especificidades de agora e de antes. (Gusmão 2006: 321).

Em seus trabalhos, Neusa Gusmão realiza uma defesa consistente da presença da Antropologia nos cursos de formação de professores, justificando as contribuições do ensino desta ciência para o campo da docência.

Na Antropologia, vista como Antropologia da Educação na formação de professores que querem ser também educadores, defende-se a necessidade de considerar a bagagem cultural do aluno e do professor, suas mentalidades em confronto e em interação com conteúdo formal e informal de aprendizagem, postas em contexto, vale dizer, no espaço social e datado em que se inserem, no qual vivem. Por esse meio, contribui-se diretamente com o processo educativo, pois não há um afastamento do campo educacional, mas compreende-se tal campo de modo total e integrado, como parte de um contexto social e político determinado, do qual também se é - professores e alunos - parte integrante. Supera-se, assim, o risco da redução da educação e do processo educativo à escola e à ação educativa de natureza instrumental e ideológica. Caminha-se para além da escola e pode-se, então, recuperar a dimensão da cultura presente em diferentes mentalidades para entendê-la como processo e movimento no pano de fundo da história. Processo e movimento que supõem a existência de relações de poder, de resistência e transgressão, capazes de instaurar a reflexão e a crítica, por meio da construção de pontes entre saberes diversos, entre sujeitos diferentes, suas experiências e histórias de vida, via reflexividade e comparação. A comparação permite ao professor questionar seus valores, os valores vigentes no tecido social e colocá-los no campo de enfrentamento construído pelas diversidades sociais e culturais. (Gusmão 2016: 64-65).

Sua contínua reflexão sobre o ensino de Antropologia no âmbito da formação de professores também se realizou em articulação com as questões étnico-raciais em educação, debate que tem ganhado maior visibilidade no Brasil, principalmente a partir da lei 10.639/03. Sobre esse tema, assim como sobre a educação quilombola, Neusa Gusmão publicou inúmeros trabalhos (Gusmão 2005, 2012, 2013; Gusmão e Souza, 2011, 2018), nos quais ela desenvolve aportes para pensarmos a contribuição do ensino de Antropologia na formação de professores para as relações étnico-raciais, em conformidade não apenas com as demandas postas pelas políticas educacionais, como também com o ideário de uma sociedade mais democrática e plural.

Entre 1998 e 2000, realizou estágio de pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, e

em 2003 defendeu a tese de Livre Docência intitulada “Os filhos da África em Portugal: antropologia, multiculturalidade e educação”, posteriormente publicada em livro (Gusmão 2005), totalizando um conjunto de sete livros e coletâneas publicadas pela antropóloga, além de inúmeros dossiês sobre Antropologia e Educação em revistas como *Pro-Posições* (2013), *Antropológicas* (2016) e *Horizontes Antropológicos* (2017), apenas para citar alguns exemplos mais recentes. Após sua aposentadoria, atuou ainda como professora visitante no mestrado em Ciências Sociais da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais/Argentina, onde lecionou o curso "Antropologia e Estudos Culturais: impasses da diversidade sociocultural", assim como na Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Neusa Gusmão atuou por anos nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ciências Sociais da UNICAMP, foi pesquisadora nível 1D do CNPq entre 1998 e 2008, coordenou Grupos de Trabalho na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), na Associação Brasileira de Antropologia (ABA), na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), apresentando uma consolidada produção intelectual que consiste na publicação de 56 artigos em revistas, sete livros e coletâneas, 37 capítulos de livro, organização de inúmeros dossiês para revistas etc.

Essa apresentação sintética da atuação como professora de Antropologia de Neusa Gusmão nos possibilita compreender sua relevância para o campo do ensino da Antropologia, especialmente através da difusão da Antropologia em outros campos disciplinares e espaços institucionais. Sua contribuição se dá, principalmente, através da afirmação da importância do ensino da Antropologia para a formação de educadores, tornando-se uma das principais referências nessa área. Trata-se de uma trajetória marcada por trânsitos institucionais e temáticos, mas que não abriu mão da centralidade da Antropologia em seu fazer docente e de pesquisadora. O relato de seus ex-estudantes deixa claro a paixão que ela despertava através de sua prática didática no ensino em Antropologia, levando-os a superar uma visão dicotômica entre teoria e prática.

Neusa Gusmão contribuiu para o ensino da Antropologia não apenas através de suas pesquisas e publicações, como também através de sua ação institucional em



diversas esferas, dentre as quais destacamos sua atuação em dois espaços: a) na Associação Brasileira de Antropologia (ABA); b) na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

Na ABA, destaca-se sua atuação como organizadora e participante de Grupos de Trabalho, Mesas, Fóruns e Eventos específicos promovidos pela entidade, que visavam discutir tanto o ensino de Antropologia, quanto a interface entre a Antropologia e Educação (Gusmão 2006; 2009).

Como bem indica Grossi (2006), em 2004 foi criada a Comissão de Ensino de Antropologia da ABA, que contou com antropólogos e antropólogas que reconhecidamente desenvolviam uma reflexão sistemática sobre esse tema, tendo a professora Neusa Gusmão atuado na comissão no período de 2004 a 2006. Essa comissão tinha por objetivo congregar professores de várias regiões do Brasil na elaboração de diagnóstico e de reflexão sobre o Ensino de Antropologia na contemporaneidade.

Junto à CAPES, Neusa Gusmão foi coordenadora adjunta de mestrado profissional da área de Antropologia no quadriênio 2014/2016. Foi nesse momento que foi avaliada a proposta de mestrado profissional em “Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas” da Universidade de Pernambuco (UPE), que vem a ser o primeiro mestrado profissional de Antropologia no Brasil voltado para a formação de professores. Sendo assim, é importante considerar o papel que Neusa Gusmão teve nesse processo, ao acolher a proposta na área de Antropologia, ampliando na pós-graduação o espaço para o debate sobre o ensino e para a formação docente.

### **A professora Neusinha pelos olhos de seus ex alunos e alunas**

Neusa Gusmão foi a responsável por apresentar a Antropologia a gerações de educadores formados na Faculdade de Educação da UNICAMP, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. Atraiu ainda inúmeros cientistas sociais que se aproximaram da educação enquanto objeto de reflexão, que realizaram com a professora Neusinha seus estudos de mestrado e de doutorado em Educação, outros tantos transitaram entre as duas áreas, realizando o mestrado na Educação e se encaminhando posteriormente para o

doutorado em Antropologia/Ciências Sociais, ou ainda o reverso. Entre seus ex orientandos encontramos professores que atuam em diversas instituições, tais como: Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILAB), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade de São Paulo (USP), dentre outras. A partir de sua atuação no ensino de Antropologia, especialmente no âmbito da Educação, Neusa Gusmão atraiu inúmeros estudantes para esse campo, e hoje continuam seu trabalho tanto em Faculdades de Educação, lecionando Antropologia/Ciências Sociais, quanto em Departamentos de Antropologia/Ciências Sociais. Foram 20 dissertações de mestrado, 14 teses de pós-doutorado e quatro pós-doutorados supervisionados ao longo de sua trajetória.

Em diálogo com alguns de seus ex-alunos e alunos<sup>4</sup>, encontramos de forma unânime relatos sobre sua articulação interdisciplinar entre a Antropologia e a Educação na sua prática docente. Alcides Gussi, professor da Faculdade de Educação da UFC nos relata:

Vindo de uma formação em antropologia, no mestrado realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da mesma universidade, decidi cursar a disciplina de doutorado “Antropologia e Educação: interfaces entre ensino e pesquisa”, ofertada pela Neusinha, movido pela familiaridade prévia com a disciplina e, confesso, por uma certa curiosidade.

Na disciplina, fui despertado, com a condução rigorosa e inovadora de Neusinha, a pensar a (e sobre a) educação a partir do deslocamento da tradição disciplinar da teoria e do método antropológico para uma outra área de conhecimento. A conjunção “e” no título do curso (Antropologia e Educação), não era gratuita. Neusa se imbuía em construir um novo campo para o ensino de antropologia a partir das suas aulas, metodologias e estratégias didáticas.

A cada sessão, as aulas provocavam a construção de aportes interdisciplinares, mobilizando teorias, conceitos e metodologias, caros à antropologia (alteridade, cultura,

---

<sup>4</sup>Utilizaremos nesse texto fragmentos dos depoimentos concedidos para a candidatura da professora Neusa Gusmão para o prêmio da ABA.

relativismo, diversidade, identidade, etnografia). Tratava-se, antes de tudo, de apresentar a tradição disciplinar da antropologia que se trasladava como possibilidade para a educação, formal e não formal, na condução de outras práticas de formação e aprendizagem.

Neusa, contudo, ia além, nas interfaces entre antropologia e educação. Alinhada à ideia da interdisciplinaridade, arregimentava conceitos de outros campos de saber, como, alguns dos quais me recordo, os de cotidiano (Machado Paes, Agnes Heller) e de experiência (François Dubet, Benjamin, Boaventura Santos).

Especialmente, no decorrer de debates em torno da educação, as aulas traziam à baila intersecções entre educação, cultura e pesquisa participante, na melhor tradição de Carlos Rodrigues Brandão e Paulo Freire, e apresentávamos debates internacionais, à época prementes, acerca da interculturalidade e multiculturalidade na educação (Ivan Illich) e a formação de professores multiculturais (Ricardo Vieira).

Por outro lado, Eva Aparecida Silva, professora da UNESP Araraquara, além de ter sido orientanda da professora Neusinha no mestrado e no doutorado em Educação também realizou com ela seu estágio docência, do qual se recorda da seguinte forma:

Nos meus três anos como estagiária docente pude observar e experienciar todo o encantamento das (os) alunas da Pedagogia pela Antropologia da Educação, magia essa que emanava da responsável por essa disciplina -a Professora Neusa Gusmão. Era nítida sua paixão pela Antropologia, pela disciplina que ministrava e pela “arte” de ensinar e aprender na relação com suas (seus) alunas (os). Uma paixão contagiante. Confesso ter sido contagiada por ela, assim como, penso, muitos outros dos seus alunos e orientandos. Lembrome, bem, ouvir, já num certo momento da disciplina, muitas (os) alunas (os) lamentarem não ter contactado essa disciplina antes, já que ela acontecia próxima à parte final do curso.

Ainda que muitos de seus estudantes a tenham conhecido já na pós-graduação, alguns tiveram seu primeiro contato com a professora Neusinha ainda na graduação, e no caso de seus ex-alunos e alunas do curso de pedagogia da UNICAMP, esse também foi o primeiro encontro com a Antropologia. A professora Márcia Lúcia Anacleto de Souza, que foi aluna da professora Neusinha na graduação, no mestrado e no doutorado nos traz as seguintes memórias:

Interessada nos estudos da escola como espaço sócio-cultural de relações com saberes e conhecimentos hegemônicos e eurocentrados, e aqueles produzidos historicamente pelas minorias sociais e culturais no Brasil, aproximei-me de Neusinha para compreender tais fenômenos no âmbito da população negra. Neusa, em suas aulas com as turmas de Pedagogia, nos convidava ao mergulho na compreensão das culturas, dos conflitos, processos de hierarquização e subjugação dos povos indígenas, quilombolas e da população negra. Lembro do texto “Os Nacirema”, aquele primeiro exercício de reflexividade e relativismo, em que pensando estar diante do outro, como num espelho, alcançamos nossa própria cultura vista nos olhos dos discriminados. E, neste movimento, pensando conduzir a pesquisa com a conhecida escola produtora de racismo, fui desafiada pela incrível professora antropóloga, a conhecer aquele que foi seu primeiro tema de pesquisa, as comunidades negras rurais, hoje comunidades remanescentes de quilombo.

Notadamente, a docência no ensino superior para além da *práxis* em sala de aula envolve também momentos de estudos individualizados, orientações específicas sobre a pesquisa de seus orientandos. Assim sendo, deve-se compreender que pensar o ensino de Antropologia é também pensar a orientação da pesquisa antropológica realizada em diferentes âmbitos institucionais. Pedro Abib, professor da UFBA, nos indica que também nessa seara a professora Neusinha se destaca:

Uma pesquisa de doutorado passa por muitas fases: dúvidas, incertezas, inseguranças e por isso é muito importante uma orientação que possibilite ao pesquisador encontrar os caminhos de sua investigação. É justamente aí que reside a segunda característica de Neusinha que eu gostaria de destacar. O verdadeiro educador não é aquele que simplesmente mostra os caminhos, mas aquele que provoca, que estimula, que desequilibra o educando, possibilitando que ele próprio encontre as respostas para suas dúvidas e problemas de sua pesquisa e construa seus próprios caminhos. Isso Neusinha sabe fazer com maestria e por isso sou muito grato a ela. Ela me ensinou docemente como ser um verdadeiro educador e esse aprendizado levo comigo para sempre. Procuro seguir seus exemplos, procuro ser para os meus orientandos de hoje, a orientadora que Neusinha foi para mim no passado.

Sua orientação, todavia, ia para além da orientação estrita das teses e dissertações de seus alunos e alunas, também os orientava em meio ao caminho da interdisciplinaridade,

articulando-se desse modo com a própria prática docente que os apresenta no processo formativo. Segundo o depoimento de Vanda Aparecida da Silva, professora da UFSCar:

Dos momentos formais, no meu mestrado em Educação (na Faculdade de Educação da UNICAMP, de 1997 a 2000/ com financiamento da FAPESP), tive a professora Neusinha como minha orientadora. Nessa ocasião, já para o término desta formação, outro ponto importante e decisivo se fez presente: quando a perspectiva de continuidade na carreira acadêmica se apresentava e eu, novamente, tinha que fazer uma escolha, continuar na Educação ou não? As palavras e experiência da professora Neusinha me levaram para a consolidação da interdisciplinaridade. Escolhi fazer meu doutorado em Ciências Sociais (também na UNICAMP, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH, sob a orientação da professora Dra. Emília Pietrafesa de Godói e co-orientação da professora Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão/com financiamento da FAPESP). (...) Ter sido aluna da Neusinha me fez ver a partir da Antropologia o caminho da interdisciplinaridade. Hoje, olhando para minha trajetória após a graduação penso que, talvez, esteja no caminho de consolidar essa experiência interdisciplinar, uma vez que atuo em um Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos da Condição Humana, recém-criado na UFSCar - Sorocaba-SP. O desafio de integrar o grupo que o funda, assim como, de ensinar só pode ter bases sólidas se tivermos onde nos orientarmos. E, dentre as outras formações acadêmicas acumuladas, me vejo muito inspirada pelas aulas que tive com Neusinha.

Seria possível afirmar que uma das grandes contribuições da professora Neusinha é sua capacidade de atração de inúmeros estudantes para a Antropologia fora do espaço institucional dessa ciência, fora dos tradicionais departamentos de Antropologia e Ciências Sociais. Através do reconhecimento da relevância da Antropologia para a formação de professores, algo que ela tem divulgado amplamente também por meio de sua produção intelectual, Neusa Gusmão tem formado gerações de antropólogos da educação que atuam tanto em Faculdades de Educação quanto em Departamentos de Antropologia e Ciências Sociais, orientando-se sempre pela ideia de “formação para a diversidade”, compreendida como “(...) um campo de tensão, cuja natureza política envolve perdas e ganhos, e enquanto tal implica uma rede diferencial de interesses e de poder que

regula o conhecimento científico, tanto na antropologia como na educação.” (Oliveira 2013: 159).

### **Considerações Finais**

Finalizo esse trabalho com meu próprio depoimento sobre a professora Neusinha, a quem tive o prazer de conhecer durante a 27ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), que ocorreu em 2010 na cidade de Belém, e na qual ela coordenava o GT “Antropologia e educação: entre saberes, práticas e aprendizagens” com a pesquisadora Janirza Cavalcante da Fundação Joaquim Nabuco. Desde o primeiro momento, a professora Neusa me recebeu com generosidade, algo que é sua marca constante. De lá para cá foram muitos encontros, e realizamos inúmeras trocas acadêmicas e afetivas. Apesar de não ter sido seu estudante no sentido formal por não ter frequentado suas aulas, tive e tenho o prazer de aprender continuamente com ela.

Como já indicado, o debate sobre ensino na ABA não é algo novo, todavia, mostra-se extremamente relevante esse passo que a associação deu na direção de valorizar as atividades de ensino em nossa área. Goldenberg (2011), em seu livro *Noites de Insonia*, retrata bem como a atividade de docência ainda é pouco valorizada nas Ciências Sociais, indicando que:

A competição no campo acadêmico exige inúmeras atividades que obrigam o professor, mesmo aquele que gosta de dar aulas, a dedicar um tempo enorme para concretizá-las. [...] Parece que tanto faz se o professor dá aula para três alunos ou para 102. Tanto faz se repete o mesmo curso todos os semestres ou se busca atender às demandas dos alunos e de sua formação. [...] Ao contrário, o seminário, a banca e o evento contarão pontos no seu currículo Lattes. As aulas, boas ou ruins, não são computadas no currículo. [...] O que deveria ser o espaço privilegiado do professor se tornou algo que atrapalha a sua pontuação como pesquisador. (Goldenberg 2011: 43).

Considerando tal cenário, é gratificante encontrar respaldo e reconhecimento na ABA para essa dimensão de nossas carreiras. O privilégio de pensarmos aqui sobre a trajetória de Neusa Gusmão nos remete a uma reflexão mais ampla acerca das trajetórias na Antropologia, indicando que estas se abrem como um campo de possibilidades, no qual se mostra possível articularmos a excelência na pesquisa com uma

prática docente edificante, que deixa marcas significativas para as próximas gerações de antropólogos-educadores.

### **Referências bibliográficas:**

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 2003. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- GOLDENBERG, Mirian. 2011. *Noites de insônia – cartas de uma antropóloga a um jovem pesquisador*. São Paulo: Record.
- GROSSI, Miriam Pillar. 2006. “Pós-graduação, graduação e especialização: novas demandas de formação em antropologia”. In: Miriam Pillar Grossi, Carmen Rial e Antonella Tassinari (Org.). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Florianópolis: Nova Letra. p. 7-11.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. 2016. “Antropologia, Cultura e Educação na Formação de Professores”. *Revista Antropológicas*, 27(1): 45-71.
- \_\_\_\_\_. 2013. “A Lei 10 639/2003 e a formação docente: desafios e conquistas”. In: Regina de Fátima de Jesus, Mairce da Silva Araújo e Henrique Cunha Jr. (Org.). *Dez Anos da Lei 10.639/03. Memórias e perspectivas*. Fortaleza/CE: Edições UFC. p. 47-61.
- \_\_\_\_\_. 2012. “Antropologia e educação: origens de um diálogo.” *Cadernos CEDES*, 18(43): 8-25.
- \_\_\_\_\_. 2009. “Entrelugares: antropologia e educação no Brasil”. *Educação*, 34(1): 29-46.
- \_\_\_\_\_. 2006. “Antropologia e Educação: história e trajetos/Faculdade de Educação - Unicamp.” In: Miriam Pillar Grossi, Carmen Rial e Antonella Tassinari (Org.). *Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras*. Florianópolis: Nova Letra. p. 299-331.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Os Filhos da África em Portugal: Antropologia, multiculturalidade e educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- \_\_\_\_\_. 1997. “Africanidades e Brasilidades: desafio da formação docente”. *Realis Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais*, 2(1): 93-108.
- \_\_\_\_\_. 1993. “A Dimensão Política da Cultura Negra no Campo: uma Luta, muitas Lutadas”. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, 4(5): 106–108.

- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de; SOUZA, Márcia Lúcia. 2018. “Etnografia na/e Educação: um olhar sobre quilombolas no Brasil e africanos em Portugal”. *Revista Contemporânea de Educação*, 13(26): 125-145.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de; SOUZA, Marcia Lúcia A. 2011. “Identidade quilombola e processos educativos presentes num quilombo urbano: o caso do Quilombo Brotas”. *Educação & Linguagem*, 14(23/24): 75-93.
- OLIVEIRA, Amurabi. 2021. “Uma análise da antropologia da educação nas Reuniões Brasileiras de Antropologia (2000-2020)”. *Educação em Pesquisa*, 47: 1-16.
- \_\_\_\_\_. 2013. “Antropologia e/da Educação no Brasil: Entrevista com Neusa Gusmão”. *Cadernos De Campo*, 22(22): 147-160.
- \_\_\_\_\_. 2017. “Um Balanço da Discussão sobre Ensino na Associação Brasileira de Antropologia”. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, 1(1): 80-91.

Submissão: 17 de abril de 2020  
Aceito: 7 de julho de 2020